

28-1-60 - G G/obo

AS RAZÕES DA PEMEX

Rubem Braga

ESCREVI, há dias, sobre a Pemex (colega mexicana da Petrobrás) e alinhei os argumentos usados pela Confederação de Câmaras Nacionais de Comércio do México para propor uma revisão da política petroléira do país, hoje baseada no monopólio estatal.

Em resposta, a direção da Pemex esclareceu que a diferença de produção entre o México e a Venezuela (225 mil barris diários contra 2 450 000) não provém do fato de ter o primeiro país um monopólio estatal e de o segundo estar aberto às companhias estrangeiras. Na Colômbia, no Peru e no Equador foi adotada política idêntica à da Venezuela, sem que, com isso, a produção tenha aumentado de maneira importante.

A expropriação das companhias estrangeiras no México foi feita em 1938. Antes disso, porém, a produção já baixara muito, devido ao grande desperdício de uma reserva de grandeza moderada feita pela voracidade das companhias. De 1918 a 1923 foram abertos 1 249 poços, e de 1924 a 1929 foram abertos 3 436 poços; apesar disso a produção desceu de 193 milhões de barris em 1921 para 64 milhões em 1927. Foi só depois de 1928 que começaram a diminuir os investimentos e as atividades das empresas no México, quando já a produção do país era menor que a da Venezuela. A atividade de perfurações declinou a partir de 1929 como resultado lógico do fracasso do intenso programa de perfurações nos 5 anos anteriores, embora as empresas tivessem obtido do Governo as facilidades máximas no ano de 1928.

Sobre os "imensos" capitais necessários ao desenvolvimento petrolífero e aos "grandes riscos", diz a direção da Pemex: "O negócio do petróleo em um país onde a técnica petroléira se desenvolveu e onde existem a estatística e os conhecimentos geológicos acumulados em 56 anos de trabalho, como acontece no México, não é mais aleatório nem mais arriscado que o das companhias de seguro, embora cada seguro e cada poço em si mesmo signifiquem um risco".

De março de 1938 a 31 de dezembro de 1956 a Pemex abriu 2 726 poços, 1 701 dos quais foram produtivos. Sabendo-se o custo de perfuração, a percentagem de êxito e a média de produção de cada poço é possível calcular o custo por barril diário adicional. Esse custo era calculado, em 1957, em 1 097 dólares, contra a média de 2 884 dólares nos Estados Unidos e de 1 111 dólares no mundo não-comunista sem computar os Estados Unidos, mas incluindo produtores fabulosos como a Arábia e o Kuwait. Média, portanto, para o México, muito satisfatória.

Note-se que a Pemex aumentou as reservas de petróleo, de 675 milhões em 1937 a mais de 4 000 milhões em 1959.

As dificuldades financeiras da Pemex têm sido causadas pelo baixo preço a que vende seus produtos. Esse preço é, no melhor sentido, político, pois o México é talvez o país do mundo que usa em maior escala o petróleo para satisfazer suas necessidades de energia: nada menos de 92 por cento em 1957! (No Brasil, a lenha ainda é, se não me engano, a principal fonte de energia.)

Foi graças ao baixo preço de seus produtos petrolíferos que o México pôde desenvolver a sua indústria e seus transportes. Não é de admirar que, apesar de se vir, capitalizando de forma espantosa, a Pemex não disponha de recursos tão altos quando seria de desejar; leve-se ainda em conta que ela opera como qualquer empresa comercial, pagando impostos e regalias ao Governo sobre o óleo que produz, e indenizações às empresas expropriadas; a Pemex é o contribuinte número 1 do Estado mexicano.

O crédito da empresa é grande, dentro e fora do México, tanto que repetidamente tem conseguido empréstimos de bancos americanos e europeus. A direção da empresa deseja, naturalmente, conseguir prazos e condições mais favoráveis que os de empréstimos rigorosamente bancários, mas de qualquer modo não se dispõe a fazer a menor concessão do que se refere ao monopólio estatal, e sabe que deve contar antes de tudo com os próprios recursos.

Periódicamente circulam rumores de que o México vai alterar sua política petrolífera. Os últimos foram desmentidos pelo Presidente López Mateos, quando no Brasil. Nem do ponto-de-vista econômico nem, muito menos, do ponto-de-vista emocional, vemos a menor possibilidade disso em um futuro próximo.